**História de Lisboa**

Havia um rio largo, largo, um rio que parecia mesmo mar. Perto, as terras eram férteis e acolhedoras, os vales protegidos dos ventos pelas colinas em redor. Aquele grupo de homens do Paleolítico olhou em torno e viu que era um bom lugar para se instalarem.

Muito tempo depois, quando os barcos fenícios se faziam ao mar com o objetivo de alargar o campo da sua atividade mercantil, aconteceu descobrirem o porto calmo, a «enseada amena» onde as tripulações podiam repousar e onde todas as condições convidavam ao estabelecimento de mais uma feitoria.

Assim pensaram os Gregos e depois deles os Romanos, mais tarde os Povos Bárbaros do Norte, finalmente os Árabes. Chamaram-lhe Olissipo, Felicitas, Julia, Aschbouna... Sob qualquer dos nomes, a Cidade era sempre a mesma ainda que fosse mudando e crescendo, como uma criança, que passa a adolescente e se faz mulher sem, contudo, jamais perder a pureza inicial.

Um dia, um jovem que fora conde desejando ser rei e, para sê-lo, sonhara um país, cobiçou a jóia entre todas tão preciosa para acrescentá-la ao colar de conquistas com que vinha alargando o novo reino. Afonso Henriques se chamava, foi o primeiro rei de Portugal e, com a ajuda de Cruzados do Norte, fez portuguesa a Cidade. Mandou construir a Sé onde (diz a tradição) se erguia antes a Mesquita.

Uns séculos depois, partem do Tejo as caravelas e também os galeões, a ele regressam carregados de tecidos, metais preciosos e, sobretudo, especiarias. O tal rio largo, largo quase mar, parece agora estreito sob um lençol de velas. Madeira, Açores, Moçambique, Angola, a via marítima para a Índia,o Brasil, o Extremo Oriente, constituem num arco de menos de um século um vasto império que, para além de outros aspetos, ajudou a modificar decisivamente a face da Cidade.

O fausto continua por muito tempo e, já no século dezoito, Dom João V (quinto), o Magnânimo, merece bem o cognome dotando Lisboa de verdadeiras preciosidades, como a Capela de S. João Baptista na Igreja de S. Roque ou o imponente Aqueduto das Águas Livres que dessedentou a Cidade. Poderiam ser mencionados tantos outros marcos – testemunhos desses tempos, alguns infelizmente engolidos para sempre nesse dia em que terra e mar enlouqueceram. Quase dois terços da Cidade desaapreceram mas o primeiro ministro, Marquês de Pombal, soube «cuidar dos vivos e enterrar os mortos» e transformar a tragédia que se abatera sobre Lisboa numa oportunidade para, com a ajuda de arquitetos excepcionais, a tornar uma cidade moderna e planificada racionalmente.